

Cocaína fumada: consumo do espaço e efeitos sociais em cidades latinas - aproximações entre São Paulo e Bogotá*

Calil, T. G. (2021). Cocaína fumada: consumo do espaço e efeitos sociais em cidades latinas - aproximações entre São Paulo e Bogotá. *Revista Cultura y Droga*, 26(31), 17-45. <https://doi.org/10.17151/culdr.2021.26.31.2>

Thiago Godoi Calil**

Recibido: 30 de mayo de 2020
Aprobado: 10 de septiembre de 2020


“Se um homem define uma situação como real, ela se torna real em suas consequências”
William I. Thomas (1928, p. 572).
(Sociólogo norte-americano, 1863 – 1947).

Resumo

A cocaína fumada é subproduto do cloridrato de cocaína. O uso desta substância psicoativa está presente em diversos contextos urbanos. Em São Paulo - Brasil, é chamado de *crack*; em Bogotá - Colômbia, de *bazuco*. Nestas duas cidades latinas, especificamente em suas regiões centrais, a especialização de determinados territórios na concentração de dinâmicas em torno da substância frequentemente justifica a implementação de projetos de ‘requalificação urbana’. Em uma interface entre as pessoas, as drogas e a cidade, este texto traz reflexões sobre a produção e consumo de espaços urbanos que historicamente concentram população em situação de rua e/ou que fazem uso de cocaína fumada. Com a aproximação destas duas trajetórias e realidades de São Paulo e Bogotá, finalizo com uma análise de como processos históricos e atuais, impulsionados por uma economia global, são

* Entre outras fontes, este artigo contém trechos e reflexões do projeto de doutorado em desenvolvimento pelo autor entre 2016 e 2021.

** Psicólogo e Doutorando pelo programa de Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, FSP/USP. Sao Paulo, Brasil. E-mail: calil.thiago@usp.br.

 orcid.org/0000-0003-1052-6578. **Google Scholar**



capazes de criar contextos de extrema vulnerabilidade e violência sob os olhares e responsabilidade do Estado.

Palavras-chave: drogas, cidade, urbanismo, violência, Estado.

Smokable cocaine: space consumption and social effects in Latin American cities - approximations between São Paulo and Bogotá

Abstract

Smokable cocaine is a by-product of cocaine hydrochloride. The use of this psychoactive substance is present in several urban contexts. In São Paulo - Brazil, it is called *crack* and in Bogotá - Colombia, it is known as *basuco*. In these two South American cities, specifically in their central regions, the specialization of certain territories that concentrate the dynamics around the substance often justifies the implementation of 'urban requalification' projects. In an interface between people, drugs and the city, this text brings reflections on the production and consumption in urban spaces that historically concentrate street dwellers and/or smokable cocaine users. With the approximation of these two trajectories and realities of São Paulo and Bogotá, an analysis of how historical as well as current processes driven by global economy are capable of creating contexts of extreme vulnerability and violence under the eyes and responsibility of the State is presented as a conclusion.

Key words: drugs, city, urbanism, violence, State.

Cocaína fumable: consumo del espacio y efectos sociales en Ciudades Latinas: aproximaciones entre São Paulo y Bogotá

Resumen

La cocaína fumable es un subproducto del clorhidrato de cocaína. El uso de esta sustancia psicoactiva está presente en varios contextos urbanos. En São Paulo - Brasil, se llama *crack*; en Bogotá - Colombia, es *basuco*. En estas dos ciudades latinas, específicamente en sus regiones centrales, la especialización de ciertos territorios en la concentración de dinámicas alrededor de la sustancia frecuentemente justifica la implementación de proyectos de 'recalificación urbana'. En una interfaz entre

las personas, las drogas y la ciudad, este texto trae reflexiones sobre la producción y el consumo de espacios urbanos que históricamente concentran a las personas habitantes de calle y/o que usan cocaína fumable. Con la aproximación de estas dos trayectorias y realidades de São Paulo y Bogotá, cierro con un análisis de cómo los procesos históricos, así como los actuales, impulsados por una economía global, son capaces de crear contextos de extrema vulnerabilidad y violencia bajo los ojos y la responsabilidad del Estado.

Palabras clave: drogas, ciudad, urbanismo, violencia, Estado.

Introdução

A cocaína fumada é subproduto do cloridrato de cocaína. Mais impura e conseqüentemente mais acessível financeiramente, o uso desta substância psicoativa está presente em diversos contextos urbanos. Em São Paulo (Brasil), é chamado de crack, em Bogotá (Colômbia), de *bazuco*. Nestas duas cidades latinas, especificamente em suas regiões centrais, a especialização de determinados territórios na concentração de dinâmicas em torno da substância frequentemente justifica a implementação de projetos de ‘requalificação urbana’. Em uma interface entre as pessoas, as drogas e a cidade, este texto traz reflexões sobre a produção e consumo de espaços urbanos que historicamente concentram população em situação de rua e/ou que fazem uso de cocaína fumada. A partir de uma análise sócio histórica destes territórios, são perceptíveis gradativas transformações urbanísticas e sociais muitas vezes justificadas por uma suposta ausência do poder público. Entretanto, contrapondo esta compreensão reducionista do contexto, inicio o raciocínio acompanhando a antropóloga Taniele Rui ao apontar que o poder público está presente, “não há como refutar isso. Considero mais relevante saber como ele está lá?” (Rui, 2012, p. 199).

Os territórios de investigação são: em São Paulo, a região da Luz, conhecida por ‘Cracolândia’ pois concentra há décadas o uso de crack no espaço público. Em Bogotá, o antigo bairro de *Santa Inés*, também conhecido por ‘*Cartucho*’, e que no início dos anos 2000 passou a ser chamado por ‘*Bronx*’. A partir do resgate da trajetória destes dois territórios, o objetivo é apresentar as conseqüências sociais locais disparadas por processos econômicos globais em contexto urbano latino.

São diversas as transformações que ao longo dos anos configuraram o modo como estes espaços acolhem cenas públicas de uso de drogas. Lugares que historicamente são marcados pelas diferentes formas de consumo das pessoas, das políticas, do mercado, e enfim, das cidades. Como veremos, as intenções presentes na constituição destes lugares nos possibilitam analisar os interesses em jogo, e assim compreender o modo pelo qual se expressam na produção e exploração destes territórios. Separadamente, os espaços da ‘Cracolândia’ e o ‘Cartucho/Bronx’ já foram amplamente investigados em estudos anteriores. E seja em São Paulo ou em Bogotá, as respectivas cenas públicas de uso de *crack/bazuco* isoladamente possuem seus reconhecimentos nacionais e internacionais. Isso não é novidade. É justamente a aproximação destes dois territórios, sob a ótica do contexto urbano latino, que pode trazer novas pistas sobre as forças que incidem nas relações sociais e na produção e consumo do espaço em cidades latino-americanas.

De início, parto da formulação de Milton Santos (2002) ao apontar um território como um lugar dinamicamente ocupado, em configuração pelo uso que dele fazem os homens e mulheres em cada momento histórico. É importante destacar esta compreensão de território não sendo apenas o espaço físico, fixo, mas o complexo de relações econômicas, políticas, sociais e subjetivas que se misturam no viver cotidiano.

Este texto é fruto de pesquisa histórica documental e breves relatos etnográficos decorrentes da pesquisa de doutorado realizada entre 2016 e 2021 em ambos territórios. A escolha pela contribuição etnográfica possibilitou experimentar o cotidiano da cidade na intenção de aprofundar as compreensões sobre os processos macrossociais, políticos e econômicos que atravessam a vida nestes espaços (Adorno et al., 2013). As inserções em campo aconteceram por meio de aproximações com equipes de redução de danos que atuam nas duas cidades. Utilizarei desenhos como registros de campo com o objetivo de exercitar outros modos e temporalidades de reflexão, observação e absorção dos espaços, e assim fazer emergir novas camadas de informação, produzindo um material alimentado por imagens e significados na interação entre pesquisador e contexto (Kushnir, 2014; Calil, 2016). Mais que ilustrações, a intenção é que os desenhos estimulem o imaginário, permitam a abstração e auxiliem nas análises possibilitando uma maior combinação de interpretações dependendo de quem os observa (Cabello et al., 2010, p. 230).

O artigo é dividido em três partes. A primeira, traça um breve resgate histórico desses bairros que acolhem emblemáticas cenas de uso de *crack/bazuco* em São

Paulo e Bogotá. A seção seguinte discute os discursos e imaginários criados sobre estes contextos. Com a aproximação das duas trajetórias e realidades de São Paulo e Bogotá, finalizo com uma análise de como processos históricos e atuais, impulsionados por uma economia global, são capazes de criar contextos de extrema vulnerabilidade e violência sob os olhares e responsabilidade do Estado.

Reflexos da travessia Brasil - Colômbia

São Paulo - Arquipélago de pedra paulistano

A região da Luz, ponto tradicional da cidade de São Paulo, concentra além do Jardim Público, duas antigas e importantes estações de trem. A zona é conhecida também como ‘*Cracolândia*’, devido à grande concentração de pessoas que fazem uso de crack há pelo menos três décadas. Para traçar um histórico deste território considero importante destacar quatro momentos nesta trajetória. Primeiro, o início da presença social, que chega por meio da igreja ainda no período colonial (Calil et al., 2017). Posteriormente, a ocupação por uma elite já no processo agudo de urbanização no século XIX; e em terceiro, a instalação da Rodoviária em frente à Praça Júlio Prestes em 1961. Este momento é apontado como o fator que instaura definitivamente o processo de transformações urbanísticas e sociais na região (Calil, 2015; Branquinho, 2007). Por fim, a territorialização do uso de cocaína fumada, o crack, a partir da década de 1990.

Antes da conformação da cidade, ainda no século XVI em 1579, um casal de portugueses trouxe de Portugal uma imagem da santa Nossa Senhora da Luz. Ao desembarcar no Brasil, a bela imagem de barro dotada de olhos de vidro foi acomodada em uma pequena ermida nesta zona periférica ao pequeno povoado. A imagem da Santa ainda hoje se encontra no Museu e Arte Sacra de São Paulo¹, também na região da Luz. A região era ponto de passagem de tropeiros, viajantes, comerciantes e devotos e etc. (Arroyo, 2010), e rapidamente tornou-se uma referência para fiéis da época. Os fiéis que se dirigiam à pequena ermida com suas preces, logo começaram a se referir a esta zona como região da Luz, fazendo referência à imagem Santa.

Por dois séculos esta zona foi basicamente ocupada por fazendas, até que em 1774 ocorre a transformação do local com o início da construção do grande mosteiro da

¹ <http://museuartesacra.org.br/>

Luz. Uma construção arquitetônica imponente, simbolizando o poder da igreja com o objetivo de impulsionar a expansão urbana e católica desta região. A cidade expandiu, e em 1881, iniciou-se a construção do Santuário Coração de Jesus, no Largo Coração de Jesus, referência local onde atualmente está o *'fluxo'*, concentração de pessoas que fazem uso de crack, chamada de *'Cracolândia'*.

A ascensão do café brasileiro no mercado internacional no final do século XIX, favoreceu a implantação das estradas de ferro para escoamento da produção do interior do Estado de São Paulo até a capital, e posteriormente ao porto de Santos para exportação. Assim, o loteamento urbanístico da região surgiu em 1879 destinado à elite cafeeira, justamente ao lado da estação de trem da Luz. Esta manobra estratégica de disposição da elite da cidade próxima às ferrovias perpetua a relação política e econômica unilateral com as metrópoles europeias, produzindo mudanças profundas na sociedade paulistana até meados dos anos 1920 (Campos, 2005).



Figura 1. Torre do relógio da Estação Sorocabana - Júlio Prestes, Luz, São Paulo. Gravura por Beatriz Figueira
Fonte: Calil, 2015.

Já no início do século XX, Amália acrescenta como a cidade tornou-se um canteiro de obras com inúmeras transformações arquitetônicas e urbanísticas (Lemos, n/d). Apesar de o bairro desde o início apresentar diversidade populacional e funcional, os contrastes se acentuam com a combinação entre a crise da economia cafeeira no final dos anos 1920 e a mudança de uma economia agrário-exportadora para uma economia urbano-industrial. Esta mudança radical faz com que a região perca importância econômica, proporcionando a migração da elite paulistana para outras regiões mais afastadas do centro (Branquinho, 2007).

Entre as décadas de 1920 e 1930, a popularização da região extrapolou do setor residencial para os setores comerciais e de pequenas indústrias, transformando drasticamente a paisagem e a vida cotidiana. Assim, a região atravessou processo intenso de desvalorização e passou a ser ocupada por uma população com menor poder aquisitivo, e, conseqüentemente, redução de atenção e investimentos públicos. Durante a década de 1940 a cidade de São Paulo cresceu vigorosamente. Segundo o arquiteto e urbanista Nabil Bonduki, “passando de 1,3 milhões para 2,2 milhões (IBGE 1940- e 1950)” (Bonduki, 2004, p. 248). Junto a industrialização chega o advento do automóvel como alternativa ao transporte, que favoreceu a implantação de planos de avenidas para dar fluidez ao tráfego de carros (Branquinho, 2007). São Paulo de fato adotou a ótica rodoviária, privilegiando a construção de avenidas radiais e perimetrais, e descartando a acessibilidade local para a região da Luz (Righi, 2001). Para a implantação do Plano de Avenidas ocorreram muitas desapropriações e despejos na região central. Ainda segundo Bonduki, entre 1945 e janeiro de 1947, ocorreram 8.226 despejos formais, totalizando 45 mil pessoas desalojadas. Somente na região da Luz, 86 pessoas foram colocadas para a rua sem ter para onde ir, e na época ficaram conhecidas como a ‘legião dos sem-abrigo’ (Bonduki, 2004, p. 249). Já nos anos 1940 vemos um esboço do que viria a se configurar o bairro 60 anos depois (Calil, 2015).

Na década de 1950, uma intervenção do poder público local ocasionou o fechamento de estabelecimentos de prostituição no bairro ao lado, o Bom Retiro. As profissionais do sexo se deslocaram para bairros vizinhos como a região da Luz (Branquinho, 2007), e esta atividade estimulou o surgimento de serviços que acompanham este mercado, como bares, boates, hotéis, restaurantes, cinemas pornográficos entre outros. A percepção de uma degradação moral no imaginário da cidade soma-se como mais um marco nessa trajetória (Calil, 2015). Em 1961, inaugurou-se a rodoviária de São Paulo no cerne do território, na praça Júlio Prestes.

A grande circulação de veículos transformou drasticamente a paisagem e a atmosfera local. Percebe-se como o valor da terra mostra-se determinante nesta trajetória, mas desta vez não pelo valor da terra em si, mas do que se pode extrair dela. A grande circulação de pessoas, muitas delas migrantes, consolidou a oferta de hotéis baratos, comércio ambulante e o meretrício. A cidade crescia, e segundo Milton Santos, como consequência ao crescimento econômico obtido, vem no pacote “a concentração de riqueza e as injustiças, já grandes, de sua distribuição. Entre as pessoas e entre os lugares” (Santos, 1993, p. 14).

Com a popularização das moradias, o maior fluxo de pessoas, as intervenções urbanísticas que favoreceram a fluidez de carros e capital, somados ao florescer de uma economia informal, dissolveu-se por completo a identidade inicial ‘aristocrática’ da região. A transferência da rodoviária para outro local em 1982 ocasionou impactos locais imediatos. Segundo o urbanista Jorge Wilhelm, “com a desativação, houve uma estrutura ociosa de hotéis e bares que se tornaram alvo fácil para a degradação da área” (Brandalise, 13 de abril de 2010). O esvaziamento, e consequente desvalorização no preço dos imóveis, possibilitou a ocupação por empresas de transporte rodoviário menores, muitas delas clandestinas, que até recentemente ainda atuavam no território principalmente com destino ao Paraguai.

A saída da Rodoviária da região teve como consequência uma inacessibilidade para o bairro, que ficou escondido em um canto da cidade entre as grandes avenidas e as linhas de trem. Com a sedimentação de um modo de vida em torno de bares, cortiços, pensões e hotéis baratos, quando o crack chega ao centro de São Paulo na passagem das décadas de 1980 e 1990, não à toa o uso e comércio desta substância se territorializa na região da Luz. A sobrevivência por meio de mercados informais e por vezes ilegais, como a dinâmica em torno das drogas, passou a redesenhar a identidade local (Calil, 2015).

O termo ‘Cracolândia’ se aproxima cada vez mais ao nome do bairro. Atores sociais como a mídia, poder público e sociedade, incluindo as pessoas que fazem uso de crack, assim nomeiam a região. Segundo Frúgoli e Spaggiari (2010), “o termo cracolândia enfatizaria certa dimensão territorial, com uma tendência a ser fixado espacialmente do ponto de vista da representação, como ocorreu efetivamente no bairro da Luz, que praticamente passou a ser sinônimo de cracolândia (...)” (p. 16).

Em 2005, com a chamada ‘Operação Limpa’, iniciou-se a execução de grandes intervenções do poder público com o objetivo de ‘acabar’ com a ‘Cracolândia’. Durante esta operação, as pessoas em situação de rua e/ou que fazem uso de drogas migraram para dois quarteirões ao lado. Permanecia a dinâmica itinerante pelo território. Desta forma, a região, e conseqüentemente seus habitantes, se tornaram alvos de insistentes intervenções violentas e coercitivas pelas forças policiais do Estado. Cresceu o fetiche da ‘Cracolândia’, que ao tornar-se produto político, passou a figurar em discursos eleitoreiros vendendo a implantação de projetos de ‘requalificação urbana’. A partir de 2017, as violações de direitos às pessoas em situação de rua e que usam drogas continua de forma arbitrária, expandindo-se para todo o bairro incluindo moradores, comerciantes e trabalhadores. Em 21 de maio de 2017, mais uma vez a vaidade política sobrepõe-se à necessidade de planejamento e construção de propostas mais sólidas. Uma ação policial com mais de 900 oficiais pontualmente desmantelou a ‘Cracolândia’ em uma manhã de domingo. Bombas, violência, remoções e demolições ilegais juntam-se ao cenário e explicitam as intenções urbanísticas e os interesses políticos e econômicos pela região. Com a intenção de expulsar a população local por objetivos financeiros de interesse imobiliário, a violência policial no território aumentou acentuadamente.

No pacote de hostilidade e violações de direitos, muitos moradores perceberam-se também vítimas da violência policial cotidiana. Em 19 de setembro de 2017, por volta das 20:00 horas, Oscar, trabalhador e morador de uma pensão na Rua Helvetia estava indignado. Segundo relato de campo:

Todos os dias tem esse absurdo acontecendo, essa humilhação [...] Você sabe o que é isso? Eu saio da minha casa e vem a Polícia e me aponta uma arma na cabeça? No Rio de Janeiro é o crime que está atazanando a vida das pessoas, os bandidos. E todo mundo não pode sair de casa. Aqui em São Paulo não posso sair de casa porque a polícia não deixa! Um absurdo! (Diário de campo, 19/09/2017)

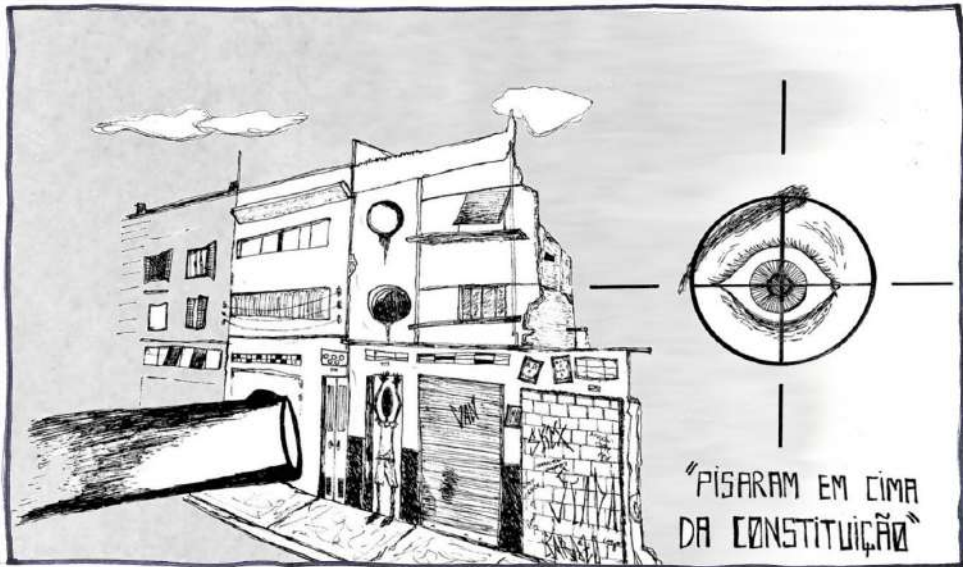


Figura 2. Abordagem policial na rua Helvetia
Fonte: Desenho do autor.

Também em 2017, iniciou-se a construção de diversos prédios de uma PPP-Habitacional (Parceria Público-Privada) no terreno onde se localizava a antiga rodoviária. Porém, o direito ao acesso aos novos apartamentos dependeu de trabalho formal na região central. Levantamento do ‘Fórum Aberto Mundaréu da Luz’² apontou que as pessoas que ocupam a região em sua maioria vivem em moradias informais e sobrevivem de trabalhos informais. Nitidamente a intenção não é trazer qualidade para quem historicamente vive ali, mas sim atrair nova população com maior poder aquisitivo. Ademais, em 2018 ocorreu a demolição integral de um quarteirão para a implantação da PPP de um hospital particular. Ironicamente, estas demolições que removeram aproximadamente 250 famílias sem a garantia de moradia definitiva por parte do Estado, ocorreram em um lote que segundo o plano diretor da cidade, é destinado a interesses sociais, principalmente a moradia.

² O ‘Fórum Aberto ‘Mundaréu da Luz’ é uma experiência para construção de sentidos e propósitos coletivos e comunitários na região da Luz e de Campos Elíseos. Composto por pessoas e organizações que moram, trabalham, sonham, cuidam e se preocupam com a rua, com os comércios, pensões, ocupações, teatros, com tudo aquilo que compõe o “fluxo” vivo desta região. <https://mundareudaluz.org/>

Vimos a trajetória da ‘Cracolândia’ paulista a partir de elementos históricos de formação deste espaço como também um breve resgate das práticas políticas e as intenções do Estado. Diversos estudos anteriores apontam as diversas forças que atuam na constituição desse território, e como os aspectos sociais tornam-se alvos de questões políticas e econômicas (Silva, 2000; Raupp, 2011; Adorno et al., 2014; Calil, 2015; Menezes, 2016). Segue a seguir a surpreendente aproximação com o território do ‘*Cartucho/ Bronx*’, em Bogotá, na Colômbia.

Bogotá - recorrente drama da capital colombiana

El Cartucho fue creado por todos, lo hicimos todos como sociedad al cerrar los ojos ante lo que sucedía allí y expresar: “por fortuna lo que sucede en el Cartucho no ocurre frente a mi tranquilo hogar” (Morris & Gazón, 2010 p. 79).

O *Cartucho*, e posteriormente o *Bronx*, são desdobramentos do histórico bairro de *Santa Inés*, no centro de Bogotá. Um bairro que também surgiu em contexto de devoção religiosa de um povo. Segundo o livro *El Cartucho: del Santa Inés al callejón de la muerte*, organizado por Ingrid Morris e Germán Garzón, e publicado pela Secretaría de Integración Social de Bogotá, “Em 1645 foi construída a igreja que levaria como brasão o nome da Santa e se encarregaria de vigiar esta parte da cidade” (Morris & Garzón, 2010, p. 20, tradução minha). Assim surgiu a igreja de *Santa Inés*, que deu nome ao bairro.

Rapidamente o bairro chegou a contar com mais de vinte igrejas - sendo a da *Santa Inés* a maior - em uma sociedade “que vivía al borde de la santificación” (Morris & Garzón, 2010, p. 20). De fato, as histórias de fundação do bairro fazem referência à duas Santas italianas. A mais famosa, *Santa Inés* de Montepulciano, nasceu em 1274 e fundou um convento. A outra, polêmica, ao recusar sua entrega forçada a um homem segundo tradições da época, foi condenada, exposta nua e executada em praça pública. Dizem que antes da morte pronunciou: “Perecer este corpo que pode ser amado por olhos que eu detesto” (Morris & Garzón, 2010, p. 20, tradução minha). As referências originárias às Santas se confluem na realidade local. Seja ao associar-se à aura de proteção divina ao bairro de uma delas, seja pela característica mártir como consequência de opressão e violência expressada pela outra. Nas bordas do bairro, na *Plaza Los Mártires*, localiza-se a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, que como em São Paulo, é ponto tradicional de referência histórico e cristão no território.

Em 1792, já calculava-se pelo menos 500 pessoas em situação de rua na antiga Bogotá, os chamados curiosamente de ‘pordioseros’ (‘pordeuses’ em português), representando aproximadamente 2,5% da população local da *ciudad de Santa Fé* (Melo Moreno, 2001 apud Morris & Garzón, 2010, p. 41). Neste cenário cabiam às igrejas realizar as primeiras estratégias de ‘limpeza social’, um papel importante na época devido a constante pressão exercida pela elite porvindoura da Europa.

No final do século XIX, as características coloniais do bairro passaram a vivenciar mudanças substanciais com a chegada de novos e variados comércios (Morris & Garzón, 2010). O bairro situava-se próximo a ‘plaza de mercado’, e com a construção da estrada de ferro em 1894, e da estação de trem ‘La Sabana’ em 1917, o bairro assumiu a característica de acolher diversos migrantes que chegavam de outras regiões do país. Essa estratégica localização fez com que o lugar se torna-se sinônimo de “confluência de una gran cantidad de viajeros, mercaderes y migrantes del territorio nacional” (Morris, 2011 apud Instituto Distrital para la Protección de la Niñez y la Juventud, 2017, p. 169).

Isso definitivamente determinou transformações no bairro com inúmeras reformas urbanísticas entre 1919 e 1925. Dentre elas, a canalização do rio *San Francisco* para a construção da *Av. Jimenez*, oferecendo assim um ar de renovação e modernidade e atraindo a nata da aristocracia bogotana. O reconhecimento do bairro pelo termo *Cartucho* faz referência ao nome das flores colocadas nas suntuosas varandas de suas casas. No mesmo período, início do século XX, muitos campesinos continuavam migrando para a capital e se instalando aos arredores da estação de trem. O bairro passou a acolher dinâmicas informais de sobrevivência de pessoas marginalizadas do sistema formal da produção de capital. Nos anos 1940, com a construção de grandes avenidas, o bairro ficou escondido entre os fluxos intensos das vias rodoviárias. Na perspectiva norte-sul, a *Calle 6* e a *Av. Jimenez* fechavam o cerco, no eixo leste-oeste, a *Av. Caracas* e a *Carrera Décima* circunscreveram os limites, e assim, asfixiaram urbanisticamente o bairro. A construção da *Carrera Décima* é vista como a responsável por romper em dois o centro da cidade, além de ocasionar a trágica demolição da antiga Igreja de Santa Inés.

Para além da paisagem, a demolição da igreja de *Santa Inés* em fevereiro de 1957 teve impactos relevantes. A proteção do território outorgada à igreja por mais de 300 anos desaparecera subitamente em pedaços de entulho esquecidos pelo tempo. Entretanto, segundo relatos da época, foi a partir de sua demolição que realmente

“el barrio se comenzó a dañar. Eso fue como una maldición por el sacrilegio cometido” (Morris & Garzón, 2010, p. 38). Urbanisticamente, o sumiço da igreja e a aparição da *Carrera décima* criou uma fronteira simbólica que isolou o bairro do resto da cidade. Este sufocamento entre as avenidas permitiu novas formas sobrevivência, sendo muitas delas associadas a atividades ilegais, como o contrabando, a fabricação de bebidas alcoólicas artesanais, a venda de objetos roubados e o comércio de drogas. Como veremos a seguir, esta é uma atividade determinante na trajetória do *Cartucho* (Instituto Distrital para la Protección de la Niñez y la Juventud, 2017).

O desemprego crescente gerou paulatinamente grupos de pessoas e vendedores ambulantes que se estabeleceram próximos às grandes avenidas nas bordas do *Cartucho*. Nas décadas de 1950 e 1960, o bairro transformou sua identidade residencial para um setor comercial, acolhendo o comércio das empresas de transportes e inclusive o Terminal de ônibus da capital colombiana. Ali se encontravam 18 das 24 empresas de transporte da cidade. A grande movimentação de migrantes e imigrantes aumentou drasticamente a população desta zona, e os casarões tornaram-se pensões e diversos outros tipos de comércios que surgiram para satisfazer as necessidades deste novo tipo populacional (Rosero, 2013, p. 7).

Porém, com a construção do novo Terminal de Transportes Salitre, a aproximadamente 10 quilômetros ao noroeste do centro, as empresas de ônibus intermunicipais abandonaram este setor da cidade, e como consequência os antigos e vazios estabelecimentos comerciais foram ocupados por outras funcionalidades informais e ilícitas. Diz a ‘história’ que foi nos anos 1960 quando seis oficiais da Polícia Nacional chegaram das planícies orientais com um carregamento de maconha direto para o *Cartucho* (Morris & Garzón, 2010; Instituto Distrital para la Protección de la Niñez y la Juventud, 2017), e que a partir deste momento aos poucos foram criando outros pontos de venda na região. Neste momento, as famílias com maior poder aquisitivo já tinham migrado para bairros nobres da zona norte de Bogotá, principalmente após a revolta política de 1948 conhecida como *Bogotazo*, quando a elite literalmente fugiu da região central (Suárez, 2012). Muitos dos prédios administrativos já haviam mudado para o CAN (Centro de Administración Nacional) na avenida Eldorado, e o centro antigo, em *Santa Inés*, passou a ser esquecido, pouco visitado, ao passo que longe dos olhos sociais, as dinâmicas informais se enraizavam “(...) parecía que la ciudad ya no necesitaba esa parte de su cuerpo y la abandonó a su suerte” (Morris & Garzón, 2010, p. 70).

Assim, já nos anos 1980, a zona de ‘El Cartucho’ se configurava como um espaço urbano que acolhia pessoas vítimas de preconceitos, estigmas e que sofriam com a falta de oportunidades em outros espaços da cidade e do país. A região tornou-se o epicentro e síntese de uma economia subterrânea que se apresentava como sintoma de uma grave problemática social que se escancarava em Bogotá, fruto da pouca capacidade de a cidade absorver a enorme demanda de trabalhos, moradias, ocupações e sobrevivências (Avendaño Arias et al., 2019).

Nesta época, os meios de comunicação começaram a pautar a realidade do ‘El Cartucho’, mas esta visibilidade pouco tinha efeito em transformações sociais reais, pois os protagonistas e mais prejudicados com esta dinâmica, estavam confinados neste território e eram genericamente chamados pela mídia de ‘descartáveis’. Eram estes carroceiros, pessoas em situação de rua, pessoas que usam drogas, traficantes, profissionais do sexo, entre outras (Morris & Garzón, 2010).



Figura 3. Ilustração simbólica da trajetória do Cartucho
Fonte: desenho do autor com base em Morris & Garzón (2010).

Inúmeras famílias originárias do campo continuavam chegando à capital. O envolvimento com o tráfico de drogas na região do *Cartucho* apresentava-se como rara e rentável oportunidade. No caso do '*Cartucho*', a chegada do *Bazuco* (crack) foi determinante para mudanças rápidas e radicais no território, legitimando a acentuada intenção do poder público de intervir no local. Com a intensificação de discursos do medo promovidos pelos meios de comunicação, se intensificou a produção de imaginários de perigo, e conseqüentemente criou a intimidade com relações de segregação socioespacial na cidade (Avendaño Arias et al., 2019, p. 454).

Em 1997, a região do '*Cartucho*' foi reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como um dos lugares mais perigosos da América Latina³ (Robledo-Gómez & Rodríguez-Santana, 2008; Tovar et al., 2017). Assim, o bairro foi se auto consumindo por diferentes vias. No início do século XX, a informalidade a tomara com a formação do '*Cartucho*', no final do século, a capital se engasga e se engole com sabor de lucratividade fomentado por Planos de Renovação Urbana. Ainda em 1998, dá-se o pontapé inicial para as intervenções estatais no primeiro mandato de Enrique Peñalosa (1998-2000). Com as primeiras demolições, permanece a inquietação: para renovar o centro de Bogotá era necessário apagar a história e derrubar completamente os 16 quarteirões históricos que formavam a área de intervenção? A decisão estética pela destruição total era justificada pelo discurso de dupla degradação, arquitetônica e moral, que embasava a intervenção do Estado (Suárez, 2012).

Ao passo que as pessoas que habitavam este lugar eram consideradas '*descartáveis*', lamentavelmente a memória do bairro de *Santa Inés* também foi passível de descarte. Como resultado da devastação, foram removidas 1.350 famílias; 4.000 moradores, grande parte inquilinos de baixa renda; 1.240 empreendedores individuais; 2.248 pessoas em situação de rua e 3.600 empregados e comerciantes (Morris & Garzón, 2010). Como saldo do decreto 880 de 1998, houve a demolição de seiscentos e oitenta imóveis e a remoção total de aproximadamente 12 mil pessoas que habitavam o '*Cartucho*'. Neste espaço extirpado pelo derrubamento completo de 16 quarteirões, aspirava-se e de fato concretizou-se a construção do *Parque Tercer Milenio* (PTM).

Para além de perpetuar violações de direitos fundamentais às pessoas em situação de rua e de baixo poder aquisitivo, a criação do *Parque Tercer Milenio* não cumpriu o objetivo de resgatar o prometido vínculo entre espaço público e a sociedade.

³ <https://www.semana.com/nacion/articulo/el-tercer-milenio-parque-agridulce/259081-3/>

Além de ser exageradamente planejado, com pouca diversidade de flora e consequentemente de fauna, o parque inaugurado em 2005 apresenta vastas áreas de concreto. A frieza de sua estética se associa ao relato de ex-frequentedor do local, que no documentário de nome ‘Cartucho’ (2017) do diretor Andrés Chaves, diz:

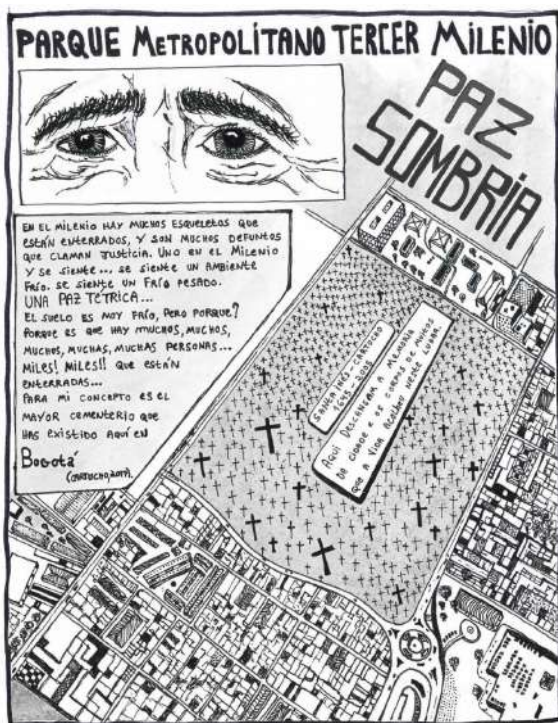


Figura 4. Ilustração de das novas representações do Parque Tercer Milenio
Fonte: desenho do autor.

A relação de indiferença e fama duvidosa que a comunidade tem com o Parque de forma alguma simboliza o resgate de vitalidade esperado para o centro. Exibindo um projeto estético que se afasta de qualquer organicidade, possibilita visão panorâmica dos espaços de convivência e seus frequentadores. Segundo Carlos Suárez, projetos como este inspiram o típico exercício do “domínio visual sobre as ações e, portanto, um mais eficiente policiamento dos comportamentos” (Suárez, 2012, p. 165). O parque nasce a partir de normativas legais impostas pela administração pública e consequentemente é esvaziado de identificação e significados construídos socialmente a partir dos usos e

percepções das pessoas em relação ao espaço, característica que deveria ser essencial na elaboração de espaços públicos (Herrera De la Hoz, 2011 apud Rosero, 2013, p. 23). Portanto, o PTM ilustra um modelo de intervenção urbana que substituiu a organicidade urbana pela disciplina do espaço, o degradado pela ordem, e o que deveria por essência ser um espaço público tornou-se um espaço de controle (Suárez, 2012).

Logo após sua inauguração, a Secretaria de governo de Bogotá realizou um estudo ‘*Diagnóstico de Seguridad y Convivencia*’ que apontou as localidades mais atingidas pela expulsão das pessoas em situação de rua do *Cartucho*. Foram três: *Candelaria*, *Santa Fé* e *Los Mártires*, todas vizinhas ao finado bairro *Santa Inés* (Suárez, 2012). Estas foram as primeiras constatações oficiais da existência do ‘*Bronx*’, assim como a região de ‘*Cinco Huecos*’, ambos mantendo a proximidade com a estação de trem *La Sabana*. Como em São Paulo, após as intervenções em Bogotá, a dinâmica em torno das drogas permanecia itinerante pelo território. Surgiu assim o ‘*Bronx*’, a poucas quadras do finado *Cartucho*.

Se o objetivo era apagar do alcance visual do centro o cenário de precariedade, marginalização, pobreza, uso e comércio de drogas, violência, prostituição, entre outras atividades informais e ilícitas, a intervenção no ‘*Cartucho*’ foi um fracasso. Como produto, nasceu o *Parque Tercer Milenio* concomitante a reconstrução da dinâmica a aproximadamente 200 metros de distância. Certamente um espaço menor se pensarmos na amplitude geográfica que constituía o ‘*Cartucho*’, mas em intensidade, o ‘*Bronx*’ certamente se equiparou nas preocupações sociais e reflexões que dispara.

O arquiteto Carlos Niño aponta que para compreendermos as realidades e espaços como ‘*Bronx*’ e ‘*Cartucho*’, é preciso atentar-se à época da colônia e principalmente as atividades de comércio nestas zonas da cidade. Ainda segundo o arquiteto, por mais que o mercado de Bogotá não tenha permanecido nesta zona, “é um comércio que deixa consequências nestas regiões, o grande tráfego de pessoas e o agito se convertem em lugares ideais para as atividades ilícitas” (Niño, 2016, p. 24).

Não demorou para que iniciassem os trâmites políticos e burocráticos para mais uma intervenção urbana, agora no ‘*Bronx*’. A partir de 2007 os documentos legais para renovação urbana apresentavam a região do ‘*Bronx*’ e ‘*Cinco Huecos*’ como as ‘oportunidades’ da vez para renovação. Importante nos atentarmos que o caminho legislativo apresenta mudanças significativas em seu discurso cronológico. Nos anos 1990, os documentos que justificaram a intervenção no ‘*Cartucho*’ baseavam-se em

descrições detalhadas das condições de vida e problemáticas sociais atribuídas às pessoas em situação de rua. Em 2007, os documentos progressivamente passaram a ocultar tais particularidades, mas sim apontar as possibilidades econômicas que as intervenções poderiam atrair. Assim, as intervenções passaram a justificar-se em argumentos cada vez mais genéricos, porém propositivos na direção do desenvolvimento turístico e econômico do setor. (Suárez, 2012). Marcas de um neoliberalismo avassalador. Uma das proposições para a região do ‘Bronx’ foi a criação da ‘Cidade-saúde’, um megaprojeto que inclusive proporcionou a ampliação do Aeroporto de Bogotá e avanços de mobilidade entre o aeroporto e o centro. Inesperadamente, o projeto vendia a esperança de que o turismo médico fosse uma das novas vocações da cidade (Fidalgo et al., 2010).

A história nos apresenta como os decretos que formaram, transformaram e renovaram o centro de Bogotá estão diretamente relacionados à presença da pobreza e da concentração de pessoas em situação de rua. Paradoxalmente, a existência destas pessoas aparecia nos documentos oficiais muitas vezes como ‘vazios urbanos’. A implementação destas leis permitiu uma fragmentação controlada de tais dinâmicas que se acomodaram escondidas visualmente na cidade, porém ‘publicizadas’ rapidamente pelos meios de comunicação em matérias que faziam referência ao ‘Bronx’ como “el infierno” o “la calle maldita”. Um processo de guetização que determinou limites objetivos e subjetivos no imaginário cidadão em Bogotá (Avendaño Arias et al., 2019), justificando intervenções urbanísticas ligadas às ideias de “patologização do território e da valoração moral dos hábitos dos seus moradores” (Suárez, 2012, p. 164). Assim, a ânsia por investimentos estrangeiros e a melhoria da imagem internacional de Bogotá fez com que milhares de seus cidadãos se tornassem praticamente invisíveis à gestão pública, ou alvos concretos de violência Estatal.

E assim ocorreu. Em 28 de maio de 2016, no segundo mandato de Enrique Peñalosa (2016-2019), um grande operativo repressivo da Polícia de Bogotá avançou sobre o ‘Bronx’, ferindo mais uma vez os direitos humanos e liberdades democráticas com afiados objetivos econômicos e de controle da população. ‘Cartucho’ e ‘Bronx’ denunciam uma reincidência cíclica no centro da capital do país. Em 2016, cerca de 3 mil pessoas conectadas com o modo de vida na rua foram pulverizadas pela cidade. Muitas passam a viver precariamente em canalizações de água de chuva e esgoto, algumas desapareceram, e outras morreram afogadas no canal da *Calle 6* sob suspeitas de intenções do Estado (Ritterbusch & El Silencio, 2020). A intervenção no ‘Bronx’ também pulverizou as alternativas de cuidado que se estabeleciam

lentamente no território, o ‘Centro de Atención Móvil a la Drogadicción’ (CAMAD), um equipamento que atuava na lógica da redução de danos com pessoas que fazem uso de drogas e colaborava no planejamento de um ‘*Centro de Consumo Supervisado para habitantes de calle*’ (Tovar et al., 2017). Assim, os avanços nas propostas e práticas se diluíram após a intervenção, e a perspectiva do cuidado foi infelizmente colocada em segundo plano.

Em dezembro de 2018 acompanhei presencialmente as demolições dos últimos imóveis centrais que formavam em 2016 o famoso quarteirão da antiga ‘L’ no ‘Bronx’. Estariam enfim a ponto de iniciar algo no local? Dona Inés, que apaticamente me serviu café em seu bar vazio em frente as demolições, dizia: “não, não..., só estão demolindo mesmo, isso aí ainda vai demorar”. Com desesperança, Dona Inés transmitia sentimentos desacreditados após 2 anos de mais uma devastação total da paisagem urbana no centro de Bogotá.

Como mais uma repetição, em 2019 os noticiários apontavam mais uma grande concentração de pessoas em situação de rua e/ou que fazem uso de crack/bazuco no bairro *María da Paz*, em *Kennedy*, já aclamado pela mídia local de ‘*Nuevo Bronx*’ (Noticias Caracol, 23 agosto 2017). As trajetórias das cenas de uso de Bogotá insistem em afirmar que memórias não se apagam deslocando-as de lugar.

Discurso, imaginário e produção do espaço

Na ‘Cracolândia’ e no ‘*Cartucho/Bronx*’, além do uso de substâncias, existem fatores históricos, sociais, ambientais, simbólicos e subjetivos fundamentais na produção deste espaço urbano. A espacialidade destes territórios é reconhecida socialmente e diferentes representações são percebidas e reproduzidas no imaginário social local e internacional. Sendo assim, são lugares reais, mas também são lugares imaginados. Por meio do discurso dos meios de comunicação e da percepção da sociedade, tenho a hipótese de que a reprodução destas representações, muitas vezes imaginadas, são elementos importantes no processo de espacialização do uso de drogas nestes territórios e sua especialização na produção de determinados imaginários sociais.

A antropóloga Taniele Rui destaca a prática incomum no jornalismo brasileiro de aproximar-se da realidade das pessoas envolvidas em determinados contextos. Conhecer os dramas pessoais, a quebra de estereótipos, e a necessidade e importância de se olhar a questão por diferentes ângulos, pode fazer a diferença no amadurecimento

do discurso midiático e consequentemente na percepção social. Os meios de comunicação reeditam abordagens rasas e discursos inconsequentes que reproduzem representações sociais superficiais sobre a realidade local, e principalmente sobre as pessoas que habitam esses territórios. Taniele ressalta característica inerente à imprensa, que pode tanto dar visibilidade necessária ao fenômeno, quanto também perigosamente reforçar preconceitos (Rui, 2014).

Em estudos urbanos da Escola de Chicago no início do século XX, o sociólogo Robert Ezra Park definiu este tipo de espaços como “regiões morais”. Park considerava que “uma pessoa é simplesmente um indivíduo que tem, em alguma parte, em alguma sociedade, um status social, mas o status vem a ser, finalmente, uma questão de distância – distância social” (Park, 1925 apud Agier, 2011, p. 66). Este status atribuído às regiões conhecidas como ‘Cracolândia’ e ‘*Cartucho/Bronx*’, produz identidades locais atreladas às representações morais destes lugares. Uma identidade própria dos atores urbanos que ali vivem, que com a distância estabelecida, experimentam intensamente o processo de estigmatização reproduzido na sociedade. O conceito de ‘distância social’ extrapola a noção meramente espacial e faz referência ao alargamento desta distância por meio de fatores culturais e sociais, como a diferença de classes, dinâmicas de mercado, práticas cotidianas e etc. Desta forma, estes fatores acentuam categorias de exclusão nestes territórios sustentados por economias informais e ilícitas, e assim, a ideia de ‘ilegal’ torna-se componente importante na construção de moralidades depreciativas no imaginário social.

Os meios de comunicação reproduzem discursos sobre estes espaços urbanos que passam a ser relacionados ao crime e a insegurança, produzindo um certo “rumor insegurizante” (Fernandes & Pinto, 2004), o que justifica respostas imediatas do poder público por meio de propostas de requalificação urbana. O imaginário do medo criado e generalizado, desqualifica a dinâmica local existente, e a ideia em torno do medo, seja no discurso e/ou sentimento, torna-se elemento decisivo na formação das geografias urbanas do crime e da violência (Avenidaño Arias et al., 2019). O psicólogo Rodrigo Alencar destaca a atual Política de Drogas de caráter proibicionista como forma de manutenção de uma “política do medo (...) como estratégia de tamponamento do mal-estar inerente à vida social” (Alencar, 2012, p. 93). Desta forma, os meios de comunicação, ao reproduzirem discursos depreciativos, tornam-se atores que abandonam o interesse coletivo apoiando-se em práticas voltadas para o mercado como um “dispositivo de dominação sensorial e simbólica” (Sodré & Paiva, 2011, p. 25). Os olhares e método de construção do discurso midiático são capazes de

‘impor realidades’, isto é, fazer com que o que está sendo dito extrapole o real enraizando representações imaginadas e desejadas pela opinião pública.

De forma alguma pretendo romantizar as difíceis realidades de contextos como a ‘Cracolândia’ e o ‘*Cartucho/Bronx*’, mas é preciso salientar as abordagens reducionistas que desconsideram complexidades e generalizam as histórias de vida destes contextos. Uma aproximação mais atenta e responsável no processo comunicativo pode auxiliar na compreensão das relações e interesses entre a produção destes espaços, as representações sociais criadas, as justificativas para intervenções pelas forças do Estado-Mercado e a garantia de direitos.

Apesar dos discursos midiáticos sustentarem a construção de um imaginário raso sobre estes lugares, na realidade a história nos mostra a produção viva de territórios sólidos e especializados. A construção social que enxerga as pessoas que usam drogas ilícitas como inimigos proporciona a aprovação de ações coercitivas pelo poder público. Além da opressão diária, em São Paulo já foram pelo menos 5 grandes intervenções nas últimas duas décadas. Em Bogotá, no mínimo duas de proporções estratosféricas. As realidades locais impulsionadas por discursos midiáticos genéricos reforçam estigmas e preconceitos, muitas vezes justificando intervenções irrigadas de violações direcionadas a estas zonas e às pessoas que as habitam.

Os percursos particulares destes dois territórios, separados geograficamente por pelo menos 4 mil quilômetros, possuem similaridades impressionantes. Para além da paulatina precariedade estrutural, sanitária, econômica e social, as vidas são historicamente atravessadas por violências físicas e simbólicas por parte da sociedade e poder público. Não à toa, ambos espaços são penetrados por forças diversas como: a doutrinação religiosa colonial, o status burguês, a impulsão urbana, a instalação do mercado informal e ilícito, a especialização deste território pelo uso de drogas e, por fim, a capitalização como produto político na competição global das cidades. O resgate destas duas trajetórias territoriais sugere que a produção destes espaços urbanos historicamente se apresenta como uma questão que não é somente urbana, mas também de caráter político, econômico, social e moral (Menezes, 2016).

David Harvey aponta o avanço de economias “informais” ou “subterrâneas” e como estas dinâmicas “indicam o surgimento de novas estratégias de sobrevivência” para pessoas tangenciadas às margens (Harvey, 1996, p. 145). O antropólogo Heitor Frúgoli (2005) aponta novos padrões de relacionamento entre a riqueza e a pobreza

nos centros urbanos, padrões que podem ser considerados embriões de formatos de segregação e injustiça socioespacial criando as “hiper-periferias”. Nos territórios estudados, vemos as características de precariedade e isolamento de zonas periféricas na região central, inaugurado a noção que ousou nomear de “hiper-periferias centrais”.

A contenção espacial cada vez mais controlada destas populações promoveu a fixação e especialização de ambos territórios em determinadas atividades. Estas territorializações do uso de crack e *bazuco*, em São Paulo e Bogotá respectivamente, podem também estar atreladas à forma com que a cidade dialoga com a pobreza, às drogas e com os demais aspectos associados a estes contextos. Na produção e representação destes espaços, a presença das pessoas que usam drogas e que estão em situação de rua possuem papel significativo. Entretanto, esta enorme ‘minoría’ é constantemente anulada como sujeito social. Suas trajetórias e valores singulares são diluídas no balaio do estigma e do preconceito, e a sociedade generaliza todos como um grande grupo de ‘vagabundos’, ‘nóias’ ou ‘pordioseros’.

Para justificar as intervenções urbanas, estes lugares frequentemente são rotulados por passarem por processos de decadência, mas o que se chama de ‘decadência’ nada mais é que uma transformação na dinâmica local que abre condições e oportunidades para outras circulações econômicas, possibilitando a instalação de populações de menor poder aquisitivo próximas ao centro, com acesso à infraestrutura e à rede de serviços (Branquinho, 2007). São locais que acolhem histórias de vidas que sobrevivem das redes e dinâmicas que lhes foi possível. Neste emaranhado, tornam-se territórios em que a vida na rua proporciona um lugar social, uma identidade, sentimentos de pertencimento; onde a rua, segundo Ritterbusch & El Cilencio (2020), é o “espaço político de encontro [...], esperança e sonhos radicais” (p. 8) de pessoas indignadas pela desigualdade e violência.

Como vemos, as trajetórias da ‘Cracolândia’ em São Paulo, e do ‘*Cartucho/Bronx*’ em Bogotá, são frutos da confluência de múltiplos fatores. A informalidade nas formas de viver e morar são características-chave destes territórios, e com o passar dos anos podemos dizer que as cidades foram ‘aceitando’, ou se conformando, com a separação e isolamento que impunham a si mesmas por elementos que se atraem nas organicidades e fluxos desiguais das cidades latinas. Assim, não pela ausência do Estado, já que este sempre esteve presente, inclusive com as forças de segurança urbana, mas sim por consequência de determinadas decisões administrativas, estes territórios tornaram-se contextos de uso de cocaína fumada e passaram a integrar as zonas desvalorizadas

passíveis de reurbanização, e as pessoas que sobrevivem nestes espaços, automaticamente tornaram-se produtos e vítimas de interesses políticos e econômicos.

Associado às questões morais e sociais, o poder econômico certamente é audaz e não perde oportunidades. A dinâmica global moderna impõe a necessidade de circulação de corpos e mercadorias em deslocamento rápido, e estas características geram motivações para recorrentes transformações nas cidades em prol da reprodução do capital. Diversas geografias urbanas foram afetadas com o respaldo destes princípios, “tornando-se agora em uma topologia da cidade contemporânea marcada cada vez mais pela acessibilidade e pela razão econômica da possibilidade” (Suárez, 2012, p. 166). A crescente disputa pelo valor da terra nas regiões centrais impulsiona constantes intervenções urbanísticas e o avanço da especulação imobiliária, negociando a posição das cidades latinas na competitividade por investimentos privados nacionais e internacionais.

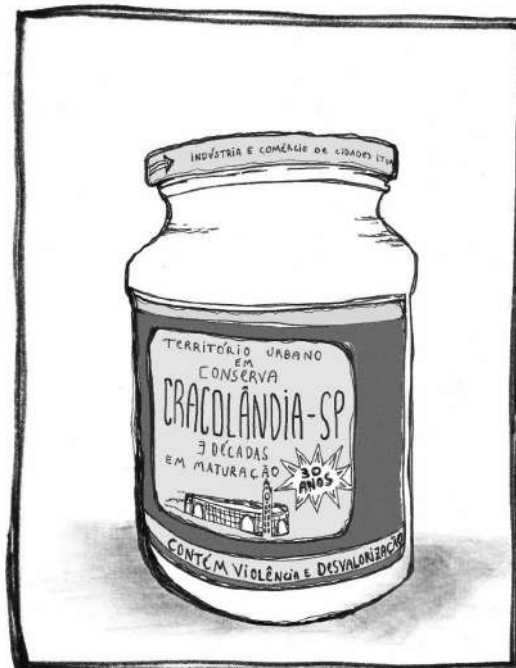


Figura 5. Territórios urbanos em conserva
Fonte: desenho do autor.

Apoiando-me no olhar da geografia urbana, que compreende a cidade a partir da “existência em situação no seu respectivo período histórico” (Costa, 2012, p. 113), pretendo evidenciar as formas como projetos urbanísticos justificados pela concentração do uso de drogas podem converter-se em ferramentas para segregar, separar e dividir (Instituto Distrital para la Protección de la Niñez y la Juventud, 2017). Tais projetos dependem da valorização da terra pautada pela mercantilização global das cidades, e para isso são abastecidos por uma desvalorização moral e ética dos lugares de vida. Intervenções que contraditoriamente visam criar novas ressignificações do espaço como frutos do apagamento e da eliminação da história e memória de seus valores simbólicos. Processos que geram dissolução identitária por meio de constantes rupturas e fragmentações espaciais e subjetivas (Costa, 2014).

Em São Paulo e Bogotá, as singularidades de cada território se apresentam tão nítidas quanto as semelhanças. Em ambas cidades, as intervenções são basicamente de caráter estético, e pouco interessadas em apresentar soluções às problemáticas e tensões socioterritoriais presentes, tornando inócua a implementação e o sucesso de projetos meramente arquitetônicos de renovação urbana. Como consequência, as vulnerabilidades se espalham e se intensificam pelas cidades configurando “nuevas expresiones de injusticia socioespacial” (Avendaño Arias et al., 2019, p. 454). Portanto, faz-se necessário questionar: quais as qualidades dos ambientes físicos, simbólicos e sociais produzidos por movimentos neoliberais em cidades latinas? Qual o peso da ênfase moral, política e econômica na produção, valorização e representação de determinados lugares?

Há que se considerar que mesmo após os movimentos nacionais de independência no continente sul americano no início do século XIX, decisões administrativas moldaram e continuam a moldar as geografias desiguais de nossas cidades, como reedições do colonialismo classista e racial pautado pela posse e propriedade (Mendieta, 2011). Acompanho a professora Ananya Roy ao propor o conceito de ‘banimento racial’, isto é, não somente o deslocamento de um lugar ao outro por motivos financeiros, mas o banimento de todos os lugares como fruto de um capitalismo racial. Ainda segundo Ananya Roy, o ‘banimento racial’ “está incorporado nas geografias legais do colonialismo e da separação racial [...] muda nossa atenção do deslocamento para a desapropriação, especialmente a desapropriação da personalidade” (Roy, 2019, p. 227).

Apontamentos finais

Para além do ambiente construído, e a partir de um resgate geohistórico embasado na construção subjetiva dos lugares (Avendaño Arias et al., 2019), acompanhamos os pontos em comum das trajetórias da ‘Cracolândia’ em São Paulo, do ‘*Cartucho/Bronx*’ em Bogotá. Territórios que por configurações e histórias particulares disparam interesses globais e consequentemente a perpetuação de processos violentos de ‘recolonização’, que buscam anular e/ou sobrepor os valores simbólicos e materiais locais (Costa, 2012), criando contextos produtores de risco e de situações de extrema vulnerabilidade para distintos modos de sobrevivência, o que eu e demais colegas nomeamos de ‘territórios vulnerabilizados’.

As cidades latinas apresentadas são submetidas a um mercado de intervenções urbanas globalizadas não preocupadas com a realidade e impactos em âmbitos locais. Estes espaços urbanos evidenciam diversas lacunas ao acesso digno à garantia de direitos, e lamentavelmente, as cidades são perfuradas por projetos urbanísticos que higienizam os espaços e privatizam os direitos de cidadãs e cidadãos. A questão das drogas perpassa pelos territórios e acopla-se ao pacote de justificativas para novos investimentos e transformações nos espaços urbanos conectados a interesses particulares. A lógica das negociações financeiras das cidades é global, porém, atinge os lugares e as vidas das pessoas individualmente e de formas violentamente distintas. A desigualdade gerada pelos regimes de livre mercado; as expropriações materiais e subjetivas; a carga do estigma moralizante em relação ao uso de substâncias psicoativas e a acentuada violência, evidenciam a dívida social e moral que o poder público e a sociedade assumem perante certas pessoas e seus territórios (Han, 2012). Deste modo, as cidades latinas não são vítimas deste processo, mas pactuam com novos alinhamentos políticos e econômicos em que os projetos urbanísticos privilegiam as expectativas de interesses privados globais em detrimento do bem público local. É esta aliança, entre as políticas urbanas e habitacionais insensíveis e as políticas de drogas repressivas, que oferece os contornos trágicos e violentos das transformações territoriais observadas em São Paulo e Bogotá.

A partir desta reflexão crítica, devemos considerar que é possível vislumbrar modos mais humanos de contato com os espaços e as pessoas que os habitam. Segundo Milton Santos, “a força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une” (Santos, 1993, p. 17).

Precisamos de releituras capazes de legitimar o diferente e a diversidade como valores sociais, e que todas as pessoas sejam reconhecidas como cidadãs e cidadãos, sem ‘mais’ ou ‘menos’ direitos (Fonseca & Cardarello, 1999).

Referências Bibliográficas

- Agier, M. (2011). *Antropologia da cidade*. Terceiro Nome.
- Adorno, R. C. F., Rui, T., Silva, S. L., Malvasi, P., Vasconcellos, M. P., Gomes, B. R., Godoi, T. C. (2013). Etnografia da cracolândia: notas sobre uma pesquisa em território urbano. *Revista Saúde & Transformação Social*, 4(2), 4-13. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=265328844003>
- Adorno, R., Rui, T., Calil, T., Ramos Gomes, B., Malvasi, P., Silva, S., & Vasconcellos, M. da P. (2014). Amarga Delícia: experiências de consumo de crack na região central de São Paulo (BR). *Revista Inter-Legere*, (15), 87-109. <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/6387>
- Alencar, R. (2012). *Porque a guerra às drogas? do crack na política ao crack do sujeito* (Tese de mestrado). Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Arroyo, L. (2010). *Memória e tempo das igrejas de São Paulo*. (2 ed.). Companhia Editora Nacional.
- Avendaño Arias, J. A., Forero Flórez, J. A., Oviedo Yate, B. S, Trujillo, M. Y. (2019). Entre el Cartucho y el Bronx en Bogotá: ¿territorios del miedo o expresiones de injusticia socioespacial? *Cuadernos de Geografía, Revista Colombiana de Geografía*, 28(2), 442-459. <https://doi.org/10.15446/redg.v28n2.73531>
- Bonduki, N. (2004). *Origens da habitação social no Brasil*. Estação Liberdade.
- Brandalise, V. H. (13 de abril de 2010). Rodoviária da Luz começa a ser demolida. *Jornal da Tarde*. <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,demolicao-de-rodoviaria-comeca-a-mudar-a-luz,537573>
- Branquinho, E. S. (2007). *Campos Elíseos no centro da crise: a reprodução do espaço no Centro de São Paulo*. FFLCH - Universidade de São Paulo.
- Cabello, K. S., de la Roque, L., & de Souza, I. C. F. (2010). Uma história em quadrinhos para o ensino e divulgação da hanseníase. *REEC: Revista electrónica de enseñanza de las ciencias*, 9(1). 225-241. http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen9/ART13_VOL9_N1.pdf

- Calil, T. G; (2015). *Condições do lugar: Relações entre saúde e ambiente para pessoas que usam crack no bairro da Luz, especificamente na região denominada cracolândia* (Tese de Mestrado). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Calil, T. G. (2016). Relatos e imagens da cracolândia: modos de vida e resistência na rua. *Revista Cadernos de Arte e Antropologia*, 5(2), 91-102. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.1130>
- Calil, T. G., Costa, R. M., Martins, R. C. R., Ryngelblum, M., M, M., Comunidade, C., Castro, F. G. (2017). Em Busca da Luz: a encruzilhada entre a fê e as drogas na Cracolândia de São Paulo. *Bis - Boletim do Instituto de Saúde – SP*, 18(1), 69-82. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1017284>
- Campos, Eudes. (2005). Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 13(1), 11-57. <https://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142005000100002>
- Costa, E. B. (2012). Intervenções em centros urbanos no período da globalização. *Revista Cidades-Presidente Prudente*, 9(16), 86-117. <http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/2374/2118>
- Costa, E. B. (2014). Fundamentos de uma emergente patrimonialização global. *Revista Geografia, Rio Claro*, 39(2), 241-256. <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/9318>
- Fernandes, J. L. e Pinto, M. (2004). El espacio urbano como dispositivo de control social: territorios psicotrópicos y políticas de la ciudad. *Revista Monografías Humanitas*, 5, 147-162.
- Fidalgo, A. S., Suárez, C. J., Vallejo, E. (2010). Faces da ilegalidade em Bogotá. *Revista Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 22(2), 123-142.
- Fonseca, C. e Cardarello, A. (1999). Direito dos mais e menos humanos. *Revista Horizontes Antropológicos*, 5(10), 83-121.
- Frúgoli Jr., Heitor. (2005). O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, 48(1), 133-165.
- Frúgoli Jr, H., Spaggiari, E. (2010). Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no Bairro da Luz. *Pontourbe*, 6. 1-25. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1870>
- Han, C. (2012). *Life in Debt: times of care and violence in Neoliberal Chile*. University of California Press.
- Harvey, D. (1996). *Condição Pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. (6 ed.). Edições Loyola.

- Instituto Distrital para la Protección de la Niñez y la Juventud. (2017). Los habitantes de calle del extinto Cartucho y la creación del Oásis. En *50 años de calle* (p. 168-197). IDIPRON.
- Kushnir, K. (2014). Ensinando Antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. *Revista Cadernos de Arte e Antropologia*, 3(2), 23-46. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.506>
- Mendieta, E. (2011). Medellín and Bogotá: The global cities of the other globalization. *City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action*, 15, 167-180. <https://doi.org/10.1080/13604813.2011.568706>
- Menezes, L. F. (2016). *Entre a saúde e a repressão – políticas públicas na região da ‘Cracolândia’ SP* (Tese de Mestrado). Faculdade de Saúde pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Morris, I. e Garzón, G. (2010). *El Cartucho. Del Barrio Santa Inés al Callejón de la Muerte*. Secretaría de Integración Social de Bogotá.
- Niño, C. (2016). Viaje al infierno: como el Bronx, en pleno corazón de Bogotá, se convirtió en el epicentro del crimen, la droga y los peores vejámenes contra al ser humano (Reportagem). *Revista Semana*, n.-1779, 20-27
- Noticias Caracol. (23 de agosto, 2017). *Sexo, drogas y sicarios: este es el nuevo Bronx en el barrio María Paz*. <https://noticias.caracol.com/bogota/sexo-drogas-y-sicarios-este-es-el-nuevo-bronx-en-el-barrio-maria-paz>
- Raupp, L. M. (2011). *Circuitos de uso de crack nas cidades de São Paulo e Porto Alegre: cotidiano, práticas e cuidado* (Tese de doutorado). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rigui, R. (2001). *Um Século de Luz*. Scipione.
- Ritterbusch, A. E. e El Silencio. (2020). ‘We will always be street’ Remembering the L in Bogotá, Colombia. *City. Analysis of Urban Change, Theory, Action*, 24(1-2), 210-219. <https://doi.org/10.1080/13604813.2020.1739915>
- Robledo-Gómez, A. M. e Rodríguez-Santana, P. (2008). *Emergencia del sujeto excluido. Aproximación genealógica a la no-ciudad en Bogotá*. Pontificia Universidad Javeriana.
- Rosero, M. J. L. (2013). *Parque Tercer Milenio: una política distrital de renovación urbana que olvidó los principios de la seguridad humana*. Universidad Nueva Granada.
- Roy, A. (2019). Racial Banishment. In Antipode Editorial Collective (Eds.), *Keywords in Radical Geography: Antipode at 50* (pp. 227-230). Wiley Blackwell.

- Rui, T. (2012). *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.
- Rui, T. (2014). Usos da “Luz” e da “cracolândia”: etnografia de práticas espaciais. *Revista Saúde e Sociedade*, 23(1), 91-104. <https://www.redalyc.org/pdf/4062/406263653009.pdf>
- Santos, M. (1993). *O espaço do cidadão* (2 ed.). Nobel.
- Santos, M. (2002). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. Edusp.
- Silva, S. L. (2000). *Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso do crack* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sodré, M. e Paiva, R. (2011). Informação e boato na rede. em G. Silva, D. A. Künsch, C. Berger, A. Albuquerque, *Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas* (pp. 21-32). Compós.
- Suárez, C. J. (2012). Políticas de renovação urbana no Centro Histórico de Bogotá, Colômbia. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 14(2), 147-168.
- Thomas, W.I., Thomas, D. S. (1928) *The child in America*, Knopf, New York.
- Tovar, M., Trejos, C., Giraldo, Y., Delgado, G., Lanz, A., Lanz, S., León, S., Lloreda, A., Pardo, L., Morales, A., & Salamanca, J. (2017). *Destapando la olla: Informe sombra sobre la intervención en el Bronx*. Impresol Ediciones.